

LIVRO RESENHADO:
CARVALHO, BERNARDO. *O FILHO DA MÃE*. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS
LETRAS, 2009. 208P.

O FILHO DA MÃE, DE BERNARDO CARVALHO: UM LÓCUS PARA SILENCIADOS

Louise Ribeiro da Cruz
Mestranda em Literatura Portuguesa – UFF
louiseribeirodacruz@hotmail.com

O Filho da Mãe (OFDM) faz parte do projeto literário *Amores Expressos*, no qual 16 escritores brasileiros passaram um mês em diferentes cidades do mundo com a missão de, cada um, escrever uma história de amor. Em fevereiro de 2009, Carvalho foi para São Petersburgo, Rússia. Contribuiu, ainda, para a idealização da obra: o assalto sofrido pelo autor quando naquela cidade e os relatos da jornalista Anna Politkovskaya. Sobre essa última influência, vale comentar que, por meio dos relatos da jornalista, Carvalho entrou em contato com a ONG *Comitê das Mães de Soldados de São Petersburgo* e muito desse contato concorreu para que o autor aprofundasse no romance a faceta de uma Rússia brutal e preconceituosa, onde a corrupção faz-se presente, a começar pela polícia e pelo exército.

OFDM é um romance que trata da cidade de São Petersburgo dividida entre os preparativos para a grande festa de seu tricentenário de criação e os horrores do clima de opressão governista sobre rebeldes separatistas vivenciados durante a Segunda Guerra da Tchetchênia (1999-2003). Através da representação de um cenário onde predominam os sentimentos que emanam da guerra e o esfacelamento de identidades uniformizadas pelo imaginário contemporâneo, o romance estimula o leitor a refletir sobre questões afetas à

pós-modernidade e à força de luta do amor materno. Em breve e apertada síntese, Carvalho concebe São Petersburgo como metonímia de um país em ruínas – das relações amorosas, das guerras e da própria nação.

O livro, com 208 páginas, está dividido em 23 capítulos agrupados em três partes: *Trezentas pontes*, *As quimeras* e *Epílogo*.

Trezentas Pontes contém 10 capítulos e é quase a metade do romance. Nessa parte, o leitor é apresentado a um dos dois personagens principais: Ruslan. Sob a proteção da dedicada avó Zainap, o estudante de medicina tchetcheno é encaminhado a São Petersburgo para, fugindo da guerra, tentar sobreviver trabalhando na reconstrução da cidade (de dia), furtar carteiras (à noite, na esperança de conseguir um passaporte que o permita sair da anti-mãe Rússia) e procurar a mãe biológica (Anna) que o abandonou recém-nascido e órfão de guerra do pai. Ao encontrá-la, Ruslan esbarra em reações contraditórias – são fugazes gestos de ternura e marcantes palavras violentas – e dificuldades que só confirmam seu desamparo e solidão. Por outro lado, Anna e a família que ela constituiu (Dmítri, Roman e Maksim, respectivamente, marido e filhos) vivenciam conflituosas relações – tanto conjugais quanto educacionais dos filhos – impregnadas de: incompreensões, omissões, permissividades, suspeitas, cumplicidades, desacordos e desavenças.

Em *As quimeras* o foco volve-se a outro personagem principal: Andrei. Ele é um jovem natural de Vladivostok e está em São Petersburgo para servir ao exército russo, mas decide tornar-se desertor e fugir quando Ruslan furta-lhe o dinheiro obtido - por meio da prestação de serviços sexuais - para seus superiores. Nessa parte, são problematizados, também, os conflitos da mãe de Andrei (Olga), mulher que não teve coragem (ou não pôde) salvá-lo do opressor sistema russo, mas que, em contato com mulheres ativistas (Marina e Iúlia) da ONG *Comitê das Mães de Soldados de São Petersburgo*, ela mobiliza-se a fim de

providenciar um passaporte para Andrei viver com o pai (Alexandre) no Oiapoque, Brasil. Ainda nessa parte ocorre o encontro de Andrei com o punquista Ruslan, com o amor e seus perigos. O narrador câmera vaticina: “É possível que [Andrei] não se dê conta de que terminou por associar o sexo às ruínas e ao risco, à força de tê-lo descoberto em meio a uma guerra...” (CARVALHO, 2009, p. 38).

Epílogo, a terceira e última parte, é constituída por um único capítulo. Narra-se, com detalhes, os horrores da guerra e os sentimentos de vingança por fracassadas missões militares russas na Tchetchênia. Na última dessas missões, ocorrida no sul das montanhas da cidade de Grózni, o soldado Andrei rebela-se contra as atrocidades cometidas por seu chefe, mata-o e é alvejado mortalmente por outro jovem recruta.

OFDM caracteriza de forma cruenta, mas crível, o drama da guerra e os problemas inerentes à pós-modernidade¹. Ambos, por sua vez, ligam-se intimamente aos dramas familiares e individuais das personagens. E [ambos] envolvem processos de diferença e de construção de identidades nacionais híbridas, fortalecendo a tese de fragilidade das identidades e nacionalidades detalhadamente desenvolvida por Stuart Hall no livro *A identidade cultural na pós-modernidade* (DP&A Editora, 2011).

De nossa parte, tanto o tradicional relato socio-histórico (como abordado por Hall) quanto a ficção (como elaborada por Carvalho) podem estabelecer formas eficientes de compreensão da pós-modernidade. Em seu romance, Carvalho muito bem transmite tal aspecto vivenciado na pós-modernidade, especialmente no que concerne à questão da nacionalidade, pois as ausências de enraizamento e de sentimento patriótico pelos protagonistas permitem-nos melhor entender a degradação da postura nacionalista.

Ainda: OFDM é um romance cujos personagens - sendo ‘sujeitos pós-modernos’ - denotam identidades abertas, inconstantes, contraditórias e inacabadas. Seres de

identidades transversas que, forjadas na fragmentação e incompletude, retrato impreciso e, por isso, o mais fiel possível da contemporaneidade. “Um bezerro recém-nascido, ao mesmo tempo peludo e pelado, com diferentes padrões e cores de pelos espalhados pelo corpo, como uma colcha de retalhos” (CARVALHO, 2009, p. 199). O romance em resenha deixa claro que diferença e identidade resultam de um processo de produção (discursiva e simbólica) de criação linguística.

No complexo cenário de pós-modernidade que, tal como no mundo real, o romance está inserido num *lócus* onde pessoas solitárias, desamparadas e silenciadas estão em fluida e perene procura de um lugar no mundoⁱⁱ. Nesse cenário, acontece um encontro improvável, inverossímil e, sobretudo, transformador entre dois jovens de culturas e identidades nacionais distintas: a passageira relação homossexual. Ao mesmo tempo em que Ruslan e Andrei desejam se relacionar (pela segurança do convívio e da mão amiga em apoio mútuo), eles hesitam estabelecer vínculo afetivo. E, quando o concretizam, a relação é tênue, pois se desfaz em menos de três semanas e é motivada por Marina ter conseguido o passaporte de Andrei; documento símbolo da mobilidade espacial no mundo globalizado. Perseguido e espancado pelo meio-irmão Maksim, um *skinhead*, Ruslan recebe de Andrei o passaporte deste para que saia da Rússia. Como afirmado por Zygmunt Bauman no livro *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos* (Ed. Zahar, 2004): “na contemporaneidade os relacionamentos são fugazes” (BAUMAN, 2004, p.8).

Orbitando os protagonistas, desdobram-se micronarrativas familiares que entrecruzam histórias aparentemente autônomas de três núcleos familiares, mas que se mostram interligadas por sentimentos como a dor, a perda e o amor materno. Mães ora tentam proteger seus filhos, ora tentam compensar a perda deles por meio de uma ação salvadora. A multiplicidade de narrativas contribui para a compreensão do leitor acerca do

modo de ser histórico pós-contemporâneo, bem como permite situar o discurso do romance no entre-lugar da narrativa ficcional e da narrativa histórica, transpassando história e representação, verdade e ficção. Como defendido por Homi K. Bhabha no livro *O local da Cultura* (Ed. UFMG, 2010) é importante: “focalizar momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais” (BHABHA, 2013, p.20) e que “fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade” (BHABHA, 2013, p.20).

Com boa carga poética e elevada emotividade conferidas à trama, essa se desloca rapidamente no tempo e no espaço, fluindo entre diferentes localidades da Rússia e fora dela. Como afirmado por Stuart Hall em livro já mencionado: “O espaço pode ser ‘cruzado’ num piscar de olhos” (HALL, 2011, p.73). Em *The Condition of Postmodernity* (Blackwell Publishers, 1990) David Harvey vai além de Stuart Hall ao denominar esse fenômeno de “aniquilação do espaço através do tempo” (HARVEY, 1990, p.205). Em OFDM, Carvalho mostra o valor de sua escrita ao atender tais assertivas daqueles dois estudiosos. E o faz mediante uso de linguagem simples, objetiva, clara, concisa e fluida.

OFDM é o primeiro livro no qual Carvalho utiliza-se do narrador câmera, o que facilita a adaptação cinematográfica do livro prevista no contrato do projeto literário *Amores Expressos*. O autor conduz a multifacetada trama sob focalização predominantemente heterodiegética, expondo considerações sobre comportamentos das personagens e desvelando a interioridade dessas. E, enfatiza-se, não apenas caracterizando-as fisicamente. Uma acertada escolha de Carvalho, pois torna críveis as fragmentadas micronarrativas e passagens de voz que bem delineiam o hibridismo discursivo. E tal hibridismo concentra-se

em vozes femininas, mais especificamente no discurso das mães: “Não pode haver guerra sem mães” (CARVALHO, 2009, p. 186).

Ainda: Carvalho faz a ficção questionar a intolerância do poder russo, denunciando e/ou tentando desconstruir as estruturas silenciadoras desse.

Destarte, OFDM é um romance pertinente, consoante e relevante à pós-modernidade, bem como posicionamentos dos estudiosos aqui apreciados. Destaca-se pela apresentação de um universo híbrido, dialógico e polifônico, bem como se mostra fonte de reflexão acerca de fenômenos culturais e políticos contemporâneos, assim como concede profícuos espaços nos quais emergem a voz de silenciados. Por tudo isso, é um livro que merece ser recomendado.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. 190p.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2013. 441p.

CARVALHO, Bernardo. *O filho da mãe*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 208p.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11ª. ed. , 1ª. reimp. – Rio de Janeiro: DP&A, 2011. 97p.

HARVEY, David. *The Condition of Postmodernity*. Cambridge, MA (USA): Blackwell Publishers, 1990. 379p. Disponível em: <<https://libcom.org/files/David%20Harvey%20-%20The%20Condition%20of%20Postmodernity.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2016.

Recebido em 07 de abril de 2016

Aceite em 15 de junho de 2016

Como citar esta resenha:

CRUZ, Louise Ribeiro da. O filho da mãe, de Bernardo Carvalho: um lócus para silenciados. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, Ano 15, n. 22, jan.-jan. 2016, p. 449-455. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num22/resenha/palimpsesto22resenha04.pdf>. Acesso em: dd mmm. aaaa. ISSN: 1809-3507.

ⁱ Entre outros, são problemas inerentes à pós-modernidade: a fragmentação e o deslocamento das identidades culturais de classe, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade.

ⁱⁱ Oriundos, respectivamente, de um município situado no extremo oriental russo e de uma pequena província caucasiana que busca independência, Andrei e Ruslan sentem-se estrangeiros no próprio país. Em realidade, não se veem como integrantes da sociedade à qual deveriam pertencer. Sentem-se apátridas. Para eles, São Petersburgo é cidade inóspita e opressora: um “território inimigo” (p. 132). A não adaptação e estranheza àquela cidade são sensações que lhes causam percepção de não pertencimento à sociedade russa. Em face de tudo isso, Andrei e Ruslan buscam um lugar no mundo no qual possam se reconhecer como de suas identidades.